

**A POÉTICA DO CAOS-MUNDO:
DIÁLOGOS ENTRE ORALIDADE E ESCRITA**

Enilce Albergaria Rocha¹

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo abordar a dialética constituída pelo binômio oralidade / escrita. Toda a mobilidade da oralidade e a rigidez da escrita, constituem no ocidente uma verdadeira dualidade que, através do séculos, construiu a cultura. O desenvolvimento tecnológico da atualidade questiona esta dualidade, uma vez que no mundo da informática a rigidez da escrita assim como a flexibilidade da oralidade são modificadas. Analisando as características culturais, políticas e antropológicas que constituem o desenvolvimento da escrita, podemos encontrar a oposição, o enfrentamento e a harmonia como o seu cerne. O caos então, participa como característica fundamental neste processo.

Palavras-chave : Caos. Oralidade. Escrita

¹ Profa. do Mestrado de Letras / Teoria da Literatura e do Departamento de Letras Estrangeiras da UFJF.

A noção de Caos-Mundo² pulveriza a idéia de “Ser”, de transparência, de linearidade que, segundo Glissant, coincide no Ocidente com o processo de elaboração da escrita.

Nos seus primórdios, a escrita no Ocidente registra e recompõe as diferentes obras da oralidade, memorizadas pelos falantes, pois uma das funções da memória é a acumulação, a repetição, a redundância - os contadores de histórias na Grécia antiga chegavam a memorizar 40.000 versos - e estas funções são, na verdade, características do existente, do *sendo*, e expressam uma visão de mundo dos falantes.

Entretanto, a escrita aos poucos se separa do *sendo*, isto é, do existente, sempre em mutação na vida cotidiana da comunidade, e na relação desta com o seu meio. A escrita torna-se, então, gradativamente, abstrata, e sua elaboração passa a orientar-se a partir da concepção de um "ser" humano idealizado. Nesse sentido, a escrita passa a reivindicar a linearidade, a acuidade e a clareza do pensamento, eliminando dessa maneira o excedente, isto é, a acumulação do existente.

Assim sendo, podemos dizer que as línguas conceituais pressupõem a existência da transcendência do conceito ao qual se ascende quando se ultrapassa o real do mundo que ainda está contido na linguagem imagética. Por isso, para Glissant, a elaboração da imagem na sabedoria popular constitui uma astúcia através da qual os falantes de uma língua não conceitual, ou seja, de uma língua concreta - imagética - mostram que implicitamente conceberam o conceito, e tacitamente renunciaram a ele.

No processo histórico de dominação, a escrita torna-se a lei e a sentença, pois, enquanto representação do poder, ela é privilégio de alguns e fixa - "grava" - a representação hierarquizada. Igualmente, a escrita representa a paixão pelo universal: por meio dela, nós nos ultrapassamos, isto é, ultrapassamos o nosso real concreto que nos diferencia. Se a oralidade é inseparável do movimento do corpo - o que é dito inscreve-se na postura do corpo e o dito e o corpo formam um todo, como por exemplo o fato de se sentar de cócoras nas culturas africanas para se ouvir a "palavra" do sábio; o movimento dos corpos do coro grego ou, nos nossos dias, o movimento fragmentado do "rap" do hip-hop,

² A noção de Caos-Mundo não é de natureza negativa. Ela não significa mundo caótico, desordem. Caos significa enfrentamento, harmonia, conciliação, mas também oposição, ruptura intra e entre a multiplicidade de concepções das culturas que confluem umas nas outras na Totalidade-Terra concretamente realizada graças às revoluções dos povos e das minorias, e graças à revolução tecnológica.

etc – a escrita, por sua vez, exige a imobilidade, pois para que a escrita aconteça, é preciso que o corpo repouse, crie a pausa, fique pousado e não acompanhe o fluxo do dito. Passar da oralidade à escrita significa portanto imobilizar o corpo, submetê-lo, possuí-lo.

Estaríamos vivenciando nos dias de hoje um redimensionamento da negociação entre a transparência e a abstração da escrita, e o existente, o *sendo*. Nesse sentido, Glissant estabelece uma relação entre a “Totalidade-Terra” hoje realizada graças ao desenvolvimento tecnológico, e a dialética da oralidade e da escrita. O autor explica que estamos diante de dois processos complementares: por um lado, no Ocidente, o questionamento dos processos da escrita levam à desconstrução do ser metafísico e de seus pressupostos - a transparência, a clareza, a abstração - e, por outro lado, a reivindicação da presença da oralidade nas literaturas do mundo expressa, na verdade, a presença maciça na cena do mundo do existente dessa “Totalidade-Terra”.

A dialética da oralidade e da escrita constitui, portanto, um dos invariantes da Poética do Caos-Mundo e, conforme explicamos, ela concerne hoje aos povos periféricos emergentes, e aos países ocidentais.

O desenvolvimento tecnológico – as técnicas audiovisuais e a informática - questionam no Ocidente a dialética da oralidade e da escrita, bem como a própria função da arte e da literatura. Nesse sentido, a estética que era ditada pelas literaturas e artes ocidentais parece estar sendo substituída pela informática – se a considerarmos como um sistema de dominação que propõe um "novo" (modo de) "ser" generalizável a todo o planeta – e a escrita vinculada à filosofia transcendental do “ser” e à concepção de um humanismo unificante e redutor, está sendo investida e substituída pela problemática da “Relação”³ que nos propõe as “Opacidades” particulares da diversidade. Na poética do caos-mundo, segundo Glissant, é necessário:

Desenvolver em toda parte, contra um humanismo universalizante e redutor, a teoria das opacidades particulares. No mundo da Relação, que se substitui hoje ao sistema unificador do Ser, consentir à opacidade, isto é, à densidade irreduzível do outro, significa realizar realmente o humano, considerando a diversidade. O humano talvez não seja "a imagem do homem", mas, no nosso presente, a trama sempre recomeçada das opacidades consentidas da diversidade¹ (GLISSANT, 1981, p. 245).

³ A noção glissantiana de Relação está vinculada à constatação da Totalidade-Terra realizada, que contrapõe-se a uma visão de mundo unitário – o Uno. À ideologia do Uno Glissant opõe a concretude da diversidade dos povos presentes hoje na cena do mundo, e essa presença do Diverso dissolve os pressupostos metafísicos que fundamentam a concepção de identidade abstrata generalizável a todos os seres humanos.

O desenvolvimento tecnológico impõe ao mundo a aceleração, o imediatismo do tempo presente, e, ao fazê-lo, interfere e questiona a nossa concepção do tempo linear. Então, o Ocidente vê-se pressionado a rever a sua concepção de tempo cronológico. Por outro lado, a violência e todas as demais formas desviantes de resistência - o desequilíbrio comportamental, as neuroses, os delírios verbais -, bem como as catástrofes ecológicas, obrigam o Ocidente a reconsiderar sua relação com o existente, o *sendo*, a revalorizar, por exemplo, o tempo natural, que é o tempo que está associado aos episódios da vida da comunidade e de sua relação com o seu meio. Essa revalorização, por sua vez, é perspassada pela confluência das culturas na “Totalidade-Terra” e por suas diferentes vivências temporais que veiculam diferentes visões de mundo.

A prática moderna da escrita resulta da História imposta pelo Ocidente. Por conseguinte, a relação de cada cultura particular com a escrita será específica e dependerá do impacto global que essa História teve sobre a comunidade.

Então, a passagem da literatura oral à literatura escrita coloca-se na contemporaneidade como uma problemática fundamental para as minorias, os povos e nações emergentes, pois essa passagem ao ato da escrita constitui uma prova iniciática do nascimento de uma comunidade para o mundo. Isso se deve ao fato de a escrita constituir-se como o eco grafado em signos da expressão mais intensa de uma coletividade: ou seja, o seu ato, o seu agir no mundo, a partir de seu “lugar” cultural. Devido a isso, tornou-se problemático defender as equivalências contrastadas “povo, língua falada”, e “indivíduo, língua escrita”. Segundo Glissant “a escrita da nação que se afirma substitui-se hoje à escrita do indivíduo que se confia” (1981, p.316).

O autor defende que a literatura constitui a estratégia dos povos, e que a audácia da expressão é o signo da audácia dos povos. Ora, se os povos não “se expressam” realmente através das produções de seus escritores, é que talvez estes tenham abandonado os caminhos de sua história.

Assim sendo, cabe ao escritor forjar a sua “linguagem”, isto é, uma série estruturada e consciente de atitudes perante a língua ou as línguas que sua coletividade pratica, pois toda expressão é, antes de tudo, uma relação com uma paisagem - e esta inclui a história da comunidade e sua inserção geo-política. Essa relação da escrita literária com a paisagem elabora negociações identitárias que podem ser emancipatórias, enraizando

rizomaticamente a sua comunidade no seu entorno geo-histórico político, ou, ao contrário, alienantes.

A mesma língua canônica falada por diversos povos (o francês: os francófonos; o português: os lusófonos; o inglês: os anglófonos; o espanhol: os hispanófonos), cria uma relação entre esses povos e a “linguagem”, que é específica a cada um deles, estabelecendo a diferença entre eles. O estudo das múltiplas relações das diversas comunidades com a sua língua é possível e essencial porque os intelectuais, escritores e artistas precisam conhecer a relação múltipla de uma comunidade com a língua que ela utiliza na sua prática existencial, no seu lugar, na história que ela constrói. É essa relação língua-práxis que Glissant denomina de "linguagem":

Somos freqüentemente nós, intelectuais dos países recentemente constituídos, que, imbuídos do gênio da auto-renegação, forjamos nosso mutismo. De tanto nos vermos como apartados do mundo, de nos considerarmos como o subúrbio do universo, acabamos por nos encontrar apartados de nós-mesmos. A audácia de expressão é o signo da audácia histórica [...] É necessário, hoje, que defendamos uma quantidade relativizante, isto é, uma quantidade na qual absolutamente nada do mundo, nem de seu sabor, em um mundo total, mas desembaraçado da escala de absoluto, seria omitido. A renúncia a esta forma de universal julgado a priori, abstrato e intolerante, a entrada em Relação, contribuirá também a relativizar a escrita; a corrigi-la, imprimido-lhe um "não-absoluto", graças ao qual ela cessaria de ser cúmplice ou serva desse universal doravante negado [...]². (Glissant, 1981,p.317-319)

Mas a dialética da oralidade e da escrita dá-se de forma diferenciada nas “culturas atávicas” e nas “culturas compósitas” porque as “culturas compósitas” nascem do trauma da colonização. Em seguida, há de se considerar que muitas dessas culturas são marcadas pelas civilizações africanas, nas quais o Mito fundador não conhece a filiação, nem a legitimidade sobre um território. O mesmo acontece nos mitos ameríndios, uma vez que nas civilizações indígenas a apropriação da terra é inexistente: o homem se vê como seu guardião e protetor. Em consequência disso, quais seriam os parâmetros que orientariam, nos países do Sul e nas Antilhas, a dialética da oralidade e da escrita?

É necessário recuperar e repensar a oralidade e o que faz a sua especificidade e diferença e que, na verdade, vem a ser o que caracteriza o existente, o *sendo*, isto é, a “extensão” e o excedente que se manifestam por meio da acumulação, da repetição, do próprio papel do corpo na fala. A cultura do povo, cultura de sobrevivência, que se desenvolve paralelamente a uma economia de sobrevivência, não é uma cultura "conceitual", nem uma cultura de resoluções técnicas.

Afirmemos que, interpretada neste sentido (um privilégio exclusivo das línguas superiores), a abstração é uma presunção do pensamento ocidental, fundada sobre o conhecimento das técnicas e dos meios elaborados para dominar a natureza. Não existe apenas um meio de organizar o conhecimento e que estaria associado somente ao poder de abstrair e ao domínio técnico, que hoje é questionado de forma difusa, no mundo todo³ (GLISSANT, 1981, p. 342).

Para Glissant, na expressão dos povos, isto é, na sua "linguagem", há margem para uma exploração da dialética da oralidade e da escrita, dentro da própria escrita. Mas para que isto seja possível, é preciso que a escrita passe pelo "tremor de terra" da oralidade, o que significa realizar no tempo imediato, o que o Ocidente realizou lentamente por meio de suas literaturas em um tempo durativo. E é essa dialética da oralidade e da escrita que constitui o que caracteriza a irrupção das culturas da oralidade na Modernidade.

Uma das primeiras derivas de meu trabalho de produção literária concerne à seguinte preocupação: sou de um país no qual se dá a passagem de uma literatura oral tradicional, que vive sob coerção, a uma literatura escrita, não tradicional, também sob coerção. Minha linguagem tenta construir-se no limite do escrever e do falar; ela tenta assinalar uma tal passagem - o que é, certamente, muito árduo em qualquer abordagem literária. Não discorro sobre a escrita nem sobre a oralidade no sentido que podemos observar em um romancista que reproduz a linguagem cotidiana, e do qual pode-se dizer que ele pratica um estilo próximo do "grau zero da escrita". Eu evoco uma síntese, síntese da sintaxe escrita e da rítmica falada, da "aquisição" da escrita e do "reflexo" oral, da solidão da escrita e da participação ao canto comum - síntese que me parece interessante de ser tentada. Porque estamos no auge das lutas dos povos. Talvez este seja o primeiro de nossos 'eixos'⁴ (GLISSANT, 1981, p. 256).

As comunidades das culturas compósitas são mais sensíveis aos problemas da linguagem, isso porque nas zonas culturais nas quais a língua é compósita há uma espécie de sofrimento na passagem da oralidade à escrita. O que caracterizaria o nosso momento histórico seria o imaginário das línguas, ou seja, a presença na cena do mundo das línguas da Totalidade-Terra. Nesse sentido, o escritor - quer de maneira consciente ou não - leva em consideração em seu processo de escrita essa presença das línguas mesmo que ele não conheça uma outra língua. Assim, o escritor não escreve mais de maneira monolíngüística. Ele é obrigado a considerar os imaginários das línguas que nos alcançam e nos atingem através da revolução tecnológica - o áudio-visual, a televisão, a internet, o cinema, etc - e impregnam o nosso imaginário.

Ao vermos uma paisagem africana, mesmo se não conhecemos por exemplo, a língua banto, há uma parte dessa língua que nos atinge e nos interpela através dessa paisagem, mesmo que nunca

tenhamos ouvido uma só palavra de banto. E ao vermos as paisagens do planalto australiano, mesmo que não conheçamos nenhuma palavra da língua dos aborígenes da Austrália, somos impregnados por algo que emana dessas paisagens. Não podemos mais escrever nossa paisagem ou descrever nossa própria língua de maneira monolinguística⁵ (Glissant, 1995, p.112-113).

O poeta - a imagem poética - tem uma importante presença na absorção e elaboração dos imaginários e das poéticas das línguas cujas resultantes são imprevisíveis. Para Glissant, o destino das línguas está associado à relação entre oralidade e escrita. O autor acredita que dessa espécie de fragrâncias, de variâncias e multiplicidade infinita de contatos, e conflitos das línguas, nascerá um novo imaginário da fala humana que transcenderá talvez as línguas elas mesmas. Ou seja, a sensibilidade humana irá elaborar linguagens que superarão as línguas, e estas linguagens integrarão diversas dimensões, formas, silêncios, representações que se constituirão como novos elementos das línguas.

Assim, a presença do imaginário das línguas questiona na contemporaneidade tanto a associação da questão identitária à questão lingüística, quanto o monolinguismo que se constituíram no advento das nações modernas como fatores fundamentais da coesão e da identidade nacionais.

Finalizando, a emergência e a confluência das culturas e das línguas na cena do mundo, o desenvolvimento tecnológico das comunicações, o multilinguismo e o multiculturalismo - em contraposição ao monolinguismo e à idéia de cultura singular, particular – configuram a dialética da oralidade e da escrita como uma grande diversidade de jogos e negociações político-culturais, e não somente lingüísticas. E a escrita literária dos escritores e poetas comprometidos com o seu lugar cultural é perspassada por essas negociações e conflitos que, por sua vez, transformam os próprios processos da escrita literária.

NOTAS

¹ Développer partout, contre un humanisme universalisant et réducteur, la théorie des opacités particulières. Dans le monde de la Relation, qui prend le relais du système unifiant de l'Être, consentir à l'opacité, c'est-a-dire à la densité irréductible de l'autre, c'est accomplir véritablement, à travers le divers, l'humain. L'humain n'est peut-être pas "l'image de l'homme" mais aujourd'hui la trame sans cesse recommencée de ces opacités consenties (GLISSANT, 1981, p. 245).

² C'est souvent nous, intellectuels des pays nouvellement apparus, qui par génie d'auto-reniement forgeons ainsi notre mutité. A force de se croire à l'écart du monde, de se considérer comme la banlieue de l'univers, on finit par se trouver à l'écart de soi-même. L'audace d'expression est le signe de l'audace historique. [...] Il nous faut défendre aujourd'hui une quantité relativisante, c'est-à-dire où absolument rien du monde ni de sa saveur ne saurait être omis, dans un monde total mais débarrassé de l'échelle d'absolu. Le renoncement à cette forme d'universel jugé *a priori*, abstrait et intolérant, l'entrée en Relation, contribuera du même coup à relativiser l'écriture; à la corriger d'un "non absolu", par quoi elle cesserait d'être complice ou servante de cet universel désormais nié (GLISSANT, 1981, p. 317,319).

³ Affirmons que prise dans ce sens (un privilège exclusif des langues *supérieures*) l'abstraction est une présomption de la pensée occidentale, présomption fondée sur la maîtrise des techniques et des moyens de dominer la nature. Il n'y a pas qu'un moyen d'organiser la connaissance et qui serait lié au seul pouvoir d'abstraire et à la domination technique, un peu partout remis en cause dans le monde actuel (GLISSANT, 1981, p. 342).

⁴ Une des dérivées premières de mon travail de production en littérature tourne autour d'un tel souci: je suis d'un pays où se fait le passage d'une littérature orale traditionnelle, contrainte, à une littérature écrite, non traditionnelle, tout aussi contrainte. Mon langage tente de se construire à la limite de l'écrire et du parler; de signaler un tel passage – ce qui est certes bien ardu dans toute approche littéraire. Je ne discours pas de l'écrit ni de l'oral au sens où on observe qu'un romancier reproduit le langage quotidien, qu'il pratique un style au "degré zéro de l'écriture". J'évoque une synthèse, synthèse de la syntaxe écrite et de la rythmique parlée, de l'"acquis" d'écriture et du "réflexe" oral, de la solitude d'écriture et de la participation au chanter commun – synthèse qui me semble intéressante à tenter. C'est que nous sommes au plein de la lutte des peuples. Peut-être qu'alors ce serait le premier de nos "axes" (GLISSANT, 1981, p. 256).

⁵ Quando on voit un paysage africain, même si on ne connaît pas la langue bantoue par exemple, il y a une part de cette langue qui, à travers le paysage que l'on voit, nous frappe et nous interpelle, même si on n'a jamais entendu un mot de bantou. Et quand on voit les paysages du plateau australien, même si on ne connaît pas un mot de la langue des aborigènes d'Australie, on est imprégné par quelque chose qui vient de là. On ne peut plus écrire son paysage ni décrire sa propre langue de manière monolingue.

REFERENCIAS

ALBERGARIA, Enilce. A Utopia do Diverso : o pensamento glissantiano nas escritas de Édouard Glissant e Mia Couto. Tese de Doutorado na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo: 2001.

GLISSANT, Édouard. Le discours Antillais. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

GLISSANT, Édouard. Introduction à une Poétique du Divers. Paris : Gallimard, 1995.

GLISSANT, Édouard. Introdução a uma Poética da Diversidade. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. Traité du Tout-Monde. Paris : Gallimard, 1997.

THE POETICS OF THE CHAOS-WORLD: DIALOGUES BETWEEN ORALITY AND WRITING**ABSTRACT**

This work has as objective to approach the dialectic constituted by the binomial orality / writing. All the flexibility of the orality and the rigidity of the writing, constitute constitute a real duality in the West that, through the centuries, built the culture. Technological development today's questions this duality, since the world world of computer science the rigidity of the writing and the flexibility of the orality is modified. Analyzing the cultural, political and anthropological characteristics that constitute the development of the writing, we find the opposition, confrontation and harmony as its core. The chaos, participates as a key feature in this process.

Keywords: Chaos. Orality. Writing.

© 2006 *Psicanálise & Barroco*

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura

Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos

Juiz de Fora, MG - Brasil

Tel.: (32) 2102 3117

dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br